

A CARTOGRAFIA SOCIAL COMO FERRAMENTA DE PARTICIPAÇÃO POPULAR E VISIBILIDADE TERRITORIAL DA COMUNIDADE DO BANHADO (SÃO JOSÉ DOS CAMPOS-SP)

Alunas: Julia Lot Silva - Arq. e Urb. (IAU)
Fernanda Vitória Neves da Silva - Arq. e Urb. (IAU)

Orientador: Marcel Fantin



A prática da extensão universitária no curso de Arquitetura e Urbanismo interpela a questão da função social do fazer arquitetônico e da produção do espaço urbano. Uma das muitas disparidades do espaço da cidade está presente na luta por moradia e direito à cidade da comunidade do Jardim Nova Esperança, em São José dos Campos - SP, que está inserida na macro área conhecida na fala popular como Banhado. Tido como o primeiro núcleo de favela da cidade, formado no início da década de 1930, o Jardim Nova Esperança, sofre um conflito não-recente na disputa do espaço em confronto com a administração municipal, que propõe a criação de um Parque Municipal na área além da remoção justificada por projetos de ordem viária. A importância cultural, ambiental e histórica de patrimônio material e imaterial da resistência desse grupo é indiscutível quando se tem conhecimento do processo histórico da ocupação da área, e é nesse ponto que o projeto se propõe a atuar através da produção social e participativa da cartografia da área em conjunto com os moradores, para desenvolver e ajudar a consolidar a visão do Banhado como território e desmistificar a noção de Banhado – paisagem do modo que os processos higienizadores da cidade tendem a propor. Convergindo com a experiência do PNCSA (Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia), relatado entre outros textos, no artigo “Na floresta da cidade: experiências de mapeamentos sociais de indígenas na Amazônia urbana” de Daou (2015) em que a cartografia buscou abordar duas dimensões que ela denomina como universalizante e particularizante. A dimensão universalizante aborda as relações do grupo cartografante com a trama urbana, assim como o ponto de vista do grupo que cartografa em relação ao coletivo urbano externo à ele. Já a dimensão particularizante, relata as especificidades, um olhar voltado a si mesmo e suas relações, desafios, fluxos sociabilidades e conflitos internos. Embora tivéssemos planejado uma dinâmica em que os mapas seriam produzidos separadamente, a oficina aconteceu de maneira mais espontânea de modo que não conseguimos realizar separadamente todos os mapas idealizados. Mas há algo interessante nessa produção interseccional em que as informações foram se cruzando ao decorrer dos questionamentos feitos e os diversos layers (percursos, história, eventos culturais e de lazer, dificuldade, potencialidades, etc.) se sobrepuseram num mesmo mapeamento, explorando essa leitura de uma narrativa de entrelaçamentos.